

"(IN)FELIZES PARA SEMPRE"? IMAGENS DA DISNEY E A MANUTENÇÃO DA HETERONORMATIVIDADE

*"(UN)HAPPY FOREVER?" DISNEY PICTURES AND
MAINTENANCE HETERONORMATIVITY*

João Paulo Baliscei

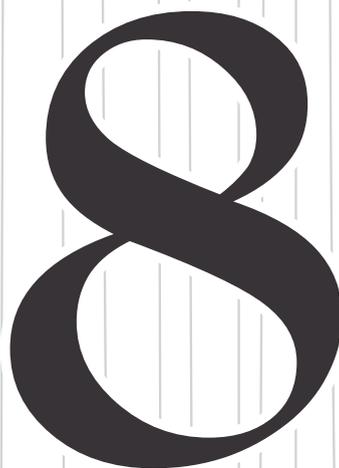
*Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM)
vjbaliste@gmail.com*

Geiva Carolina Calsa

*Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas
e professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
gccalsa@hotmail.com*

Vinícius Stein

*Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade Estadual de Maringá (UEM)
vsteiin@gmail.com*



Resumo

Nas animações infantis, o termo "viveram felizes para sempre" é associado unicamente à união heterossexual, reforçando sua legitimidade, como "norma". Com o objetivo de investigar e questionamos as representações de casais e de sexualidade legitimadas pela Walt Disney Company, realizamos uma pesquisa bibliográfica, respaldada no Estudo da Cultura Visual valorizando o potencial pedagógico das imagens da cultura popular. Discutimos sobre a supremacia heterossexual vivenciada e visibilizada pelos/as protagonistas da Disney e problematizamos as sexualidades de personagens antagonistas. Nossas considerações finais são as de que as imagens e discursos visuais da Disney contribuem para a manutenção da heteronormatividade e, por isso, precisam ser questionados.

Palavras-chave: Imagem. Infância. Cultura Visual. Sexualidade. Pedagogias Culturais. Educação.

Abstract

In the children's animations, the phrase "happily ever after" is associated only to the heterosexual union, reinforcing its legitimacy, as "standard". In order to investigate and question the representations of couples and sexuality legitimized by the Walt Disney Company, we conducted a literature search, supported the Study of Visual Culture valuing the pedagogical potential of images of popular culture. Discuss about heterosexual supremacy experienced and visualized by Disney's protagonists and antagonists problematize sexualities characters. Our final thoughts are that the images and visual discourses Disney contribute to the maintenance of heteronormativity and therefore need to be questioned.

Keywords: Image. Childhood. Visual Culture. Sexuality. Cultural pedagogies. Education.

Era uma vez... duas inquietações sobre "finais felizes"

*Clóvis nasceu livre e pelado, como todo camaleão.
E, como todo camaleão, aprendeu a se camuflar para sobreviver.
Por vezes, teve que seguir o caminho da direita.
Por vezes, teve que seguir o caminho da esquerda.
Ouviu dizer que era mais seguro andar nas nuvens...
...do que com os pés no chão.
Clóvis fingiu não ter medo do escuro.
Às vezes, ele não tinha mesmo.
Em algumas situações de perigo, soube esconder suas fraquezas.
Noutras, precisou exibir sua força.
Esteve ao lado de estranhos...
...que tinham o mesmo gosto que ele.
Houve momentos em que dançou conforme a música...
...até que resolver dançar com o coração.
Só então Clóvis fez sua grande descoberta:
E viveu livre como todo camaleão.
(Uniforme, Tino Freitas)*

Como uma sentença, a frase "viveram felizes para sempre" opera como uma promessa inquestionável, estabelecida e reforçada por filmes, desenhos animados e personagens de contos literários que contribuem para a construção utópica de que o "fim" precisa ser continuamente marcado pela felicidade e satisfação pessoal. Disso, demonstramos inquietações por pelo menos dois pontos.

O primeiro deles é que as representações e discursos que compõem as imagens da cultura popular¹ restringem a satisfação e o "felizes para sempre" à união romântica entre personagens protagonistas - homem e mulher - como se não existissem outras alternativas de felicidade e de realização. Tanto que, quando posto no singular, o previsível fechamento de narrativa "felizes para sempre" torna-se surpreendente e provoca estranhamentos: "E no final, (com seu novo emprego/ por ter solucionado os problemas/ por ter se curado de uma doença/ tendo ajudado alguém/ com o diploma na mão/ tendo desenvolvido uma nova habilidade) ele/a viveu feliz para sempre". Quantas e quais são as representações e modelos oferecidos às crianças que legitimam outras maneiras de viver a felicidade, se não como um sentimento que só pode ser desfrutado por casais?

¹ Para o Estudo da Cultura Visual, a cultura popular integra os artefatos facilmente acessíveis, tais como as revistas, os programas televisivos, o cinema e a publicidade (CUNHA, 2008).

Nunes (2010) corrobora nossa notificação de que os discursos visuais intrínsecos às imagens da cultura popular oferecem às crianças, sobretudo às meninas, projeções demasiadamente românticas acerca dos relacionamentos amorosos. Imagens de personagens femininas, meigas, usando trajes rosas e rodeadas de corações, flores, borboletas ou outras formas espiraladas, são facilmente encontradas em brinquedos, acessórios e roupas endereçadas às meninas. Inclusive, como denuncia a autora, também no espaço escolar podemos encontrar tais representações estampadas nos cadernos, lápis, estojos e mochilas das alunas, significando-as enquanto meninas e reclamando que desempenhem os papéis que lhes foram socialmente designados.

Em entrevista com meninos e meninas do terceiro ano do Ensino Fundamental, Nunes (2010) constatou que, diferente dos materiais escolares dos meninos, os cadernos e mochilas das meninas eram tematizados por personagens românticas como a *Barbie*² e as Princesas da Disney. Tal como Branca de Neve, Bela, Aurora, Cinderela, Ariel e Jasmine³, muitas são as princesas nas histórias da Disney que, órfãs, virgens e românticas, sofrem à espera do príncipe encantado. Como recompensa por isso, conforme a tradição dos contos de fadas, da cultura popular e do interesse da corporação em manter o *status quo*, tais personagens são libertadas dos perigos e protegidas eternamente por seus parceiros que lhes oferecem um "final feliz" para ser vivido a dois, isto é, abrigo, sustento, família e, o mais importante, um casamento. Para a autora,

[...] associar a frase "felizes para sempre" ao casamento, certamente constrói subjetividades de que este é um estado necessário na vida, trazendo, assim, questões que envolvem o amor romantizado como característico das meninas, pois elas criam o imaginário da espera do príncipe como salvação de problemas e que ele [...] irá proporcionar-lhe a felicidade (NUNES, 2010, p. 42).

Morin (2011, p.84) conceitua o final feliz como "[...] a felicidade dos heróis simpáticos, adquirida de modo quase providencial, depois das provas que, normalmente, deveriam conduzir a um fracasso ou a uma saída trágica". O autor analisa que, semelhante a uma eterna primavera, os finais felizes são recheados de cenas de amor romântico, na maioria das vezes brindadas com beijos apaixonados, ainda que os sujeitos pouco se conheçam ou tenham se falado.

² Boneca criada pela co-fundadora da empresa Mattel, Ruth Handler (STEINBERG, 2001)

³ Tais princesas são protagonistas dos seguintes filmes da Walt Disney Company: *A Branca de Neve e os sete anões* (1937); *A Bela e a Fera* (1991); *A Bela Adormecida* (1959); *Cinderela* (1950); *A Pequena Sereia* (1989); *Aladdin* (1992)

A insistência e a qualidade estética desses discursos contribuem para que também as crianças arrisquem tecer compreensões e conceitos sobre "finais felizes".

"Eu acho que felizes para sempre... que eles casaram, tiveram a casa deles e viveram felizes para sempre" (Carlos); "Isso significa que a história foi bonita e termina com os mocinhos se casando e sendo felizes para sempre" (João); "Eu entendo mais ou menos disso...É que no meio do filme o cara e a mulher se apaixonam e daí no final eles se casam. Os dois pombinhos ficam felizes" (Luan); [...] "Eu, que gosto muito de conto de fadas, eu sei. É que no começo das histórias as princesas eram muito infelizes... Eram empregadas... No final elas se casam e vivem felizes para sempre" (Elisa) (NUNES, 2010, p. 82).

Nos pronunciamentos feitos pelos meninos e meninas, interessa-nos principalmente que, desde aqueles/as que, como Luan, anunciaram seu desconforto e inaptidão com a temática, até aquelas que, como Elisa, garantiram "saber" sobre o assunto, há associações diretas entre felicidade e romance; romance e casal; casal e casamento; casamento e heterossexualidade - e com isso, chegamos ao segundo ponto que nos inquieta no que diz respeito aos "finais felizes" produzidos pelos artefatos da cultura popular. É importante destacar que as associações estabelecidas pelos meninos e meninas entrevistados por Nunes (2010) não são espontâneas e muito menos naturais. São composições simbólicas que, em movimentos recíprocos, constroem e são construídas pela cultura e pelos indivíduos que nela convivem.

As narrativas lúdicas nos livros e histórias infantis, assim como os desdobramento que repercutem em filmes, brinquedos, materiais escolares e outros produtos voltados para as crianças, por exemplo, iniciam os meninos e as meninas em histórias idealizadas e idílicas, repletas de pureza e de "finais felizes" apontando-lhes o que devem fazer, vestir e dizer caso queiram ser "felizes para sempre". Os meninos precisam ter iniciativa, ser fortes, viris, corajosos, valentes, espertos, comunicativos e destemidos, enquanto que as meninas precisam ser frágeis, doces, meigas, delicadas, sensuais, ingênuas, puras, contidas e pacientes. Em análise da propaganda e da embalagem do produto Kinder Ovo, Baliscei, Maio e Calsa (2016) constatam que tais artefatos, em suas imagens e narrativas, convocam homens/meninos e mulheres/meninas a assumirem posições, espaços físicos e sociais distintos. A Pedagogia Kinder, como explicam o autor e as autoras, sugere que as

mulheres/meninas devam ocupar espaços internos da casa, como quartos e cozinha, e desempenhar funções estritamente "maternidade", como a organização do lar e o cuidado com a saúde e alimentação das crianças, Os homens, por sua vez, conforme a Pedagogia Kinder, devem ocupar espaços externos, proporcionar conforto aos filhos/a e esposa e conter suas emoções, mantendo uma relação de distanciamento da família.

Como nesse exemplo, as qualidades e defeitos caricaturados das personagens masculinas e femininas parecem se encaixar e se completar em sua diferença, constituindo-as como "casal perfeito": enquanto o homem é insensível, a mulher é romântica; ele é grosseiro, ela é gentil; ele, rico, ela, pobre; e assim por diante. Sendo opostos o que herói e heroína, protagonistas de uma história, precisam ter em comum para aliançarem-se em um "casal perfeito"? Nada. Nada além de sua heterossexualidade. Como traço do pensamento moderno que valoriza o equilíbrio e a harmonia, a normatização da heterossexualidade enfatiza a ideia de que só podemos ser felizes se encontrarmos alguém que nos supra aquilo que nos falta - daí a naturalização da união de pessoas diferentes, com atributos diferentes e, o mais importante, com gêneros diferentes. Nessa lógica de raciocínio, homem e mulher, masculino e feminino são visto não apenas como diferentes, mas como complementares e isso contribui para que o "felizes para sempre" - sinônimo de romance - seja também sinônimo de heterossexualidade.

A heterossexualidade é concebida como "natural" e também universal e normal. Aparentemente supõe-se que todos os sujeitos tenham uma inclinação inata para eleger como objeto de seu desejo, como parceiro de seus afetos e de seus jogos sexuais alguém do sexo oposto. Conseqüentemente, as outras normas de sexualidade são constituídas como antinaturais, peculiares e anormais (LOURO, 2000, p.17).

Tendo em vista que a sexualidade não é um fator que se mantém intacto durante toda a vida e que, muito menos, é "dada" e definida no momento em que nascemos, podemos afirmar que a medida em que somos confrontados com imagens e artefatos culturais estamos constituindo nossa sexualidade e, mais do que isso, prestando manutenção aos nossos valores, desejos e preconceitos hegemônicos. Com isso, não estamos desconsiderando a capacidade de reação e de questionamento dos indivíduos frente às informações visuais que lhes são apresentadas, mas buscamos destacar que é por meio dos significados fortalecidos pelas e nas representações que elaboramos respostas aos nossos anseios e inquietações identitárias (WOODWARD, 2012).

Diante disso, levantamos os seguintes questionamentos: Nos artefatos infantis, como são representadas as personagens com sexualidades distintas da heterossexual? Em suas animações, quais os espaços físicos e sociais que a Disney tem reservado para indivíduos homossexuais? Assim como os casais heterossexuais, os personagens gays e lésbicas desfrutam da união romântica ao final da história? E os seus finais, são felizes como o de outras personagens?

Com o objetivo de *investigar as representações de casais e de sexualidade legitimadas pela Walt Disney Company*, realizamos uma pesquisa bibliográfica. Segundo Gil (2002) este tipo de pesquisa se caracteriza pelo respaldo em livros, capítulos, artigos, Teses, Dissertações e outros materiais já elaborados. Metodologicamente, movimentamo-nos ao encontro do Estudo da Cultura Visual, campo de investigação que, desde a segunda metade do século XX, põe ênfase na interpretação de imagens midiáticas e nos contornos identitários demarcados por elas (HERNÁNDEZ, 2011). Nessa perspectiva, como defende Duncun (2011, p. 21), as imagens funcionam como "[...] *táticas de poder*", que operam na luta para a legitimação de grupos, valores e comportamentos.

Para desempenhar o objetivo proposto, assim como para debater a partir dos questionamentos levantados anteriormente, estruturamos a reflexão que se segue em dois tópicos. No primeiro deles, intitulado *Quem vive "feliz para sempre"*?, discutimos sobre as supremacia heterossexual vivenciada e visibilizada pelos/as protagonistas da Disney; enquanto no segundo tópico, *O vilão, a bruxa e a heteronormatividade* problematizamos as sexualidades de personagens antagonistas e destacamos as maneiras como a Disney, por meio do discurso visual, presta manutenção à heteronormatividade. Por último, em nossas considerações finais, reclamamos pela felicidade de homens e mulheres não heterossexuais e propomos ampliar as representações de "finais felizes" a partir de produções do artista mexicano José Rodolfo Loaiza Ontiveros.

Quem vive "feliz para sempre"?

Foi a partir de suas experiências com seus três filhos que Giroux (1995) percebeu que os filmes e animações da Disney ultrapassam o divertimento supostamente inofensivo. O autor pontua que, diferente da educação escolar - que muitas vezes educa por meio da passividade, da memorização e da repetição - os filmes e animações da Disney agem como "máquinas de ensinar". Criada em 1923, a Disney ocupa hoje o primeiro lugar no *ranking* das empresas que dominam o mercado de consumo infantil (SCHOR, 2009) e contribui para que meninos e meninas aprendam sobre beleza, família, gênero e, em especial para nossa discussão, a sexualidade.

corroborar a hipótese de Iglesias e Zamora (2013, p. 123, *tradução nossa*) de que *ao passo* que a sociedade se modifica, reconfigurando seus valores, preconceitos e lutas, "[...] *Ja indústria cinematográfica faz eco disso*"⁴.

O segundo aspecto é que as representações das personagens ultrapassam uma outra barreira, a da raça humana, desdobrando-se em heróis e heroínas animais e objetos. Ocorre que também nesses casos, as combinações entre animais ou objetos antropomorfizados são estritamente heterossexuais, como é o caso de Simba e Nala⁵, de a Dama e o Vagabundo⁶ e de Madame Samovar e Lumiere⁷. Desta forma, ressaltamos que, apesar de em suas animações a Disney dar certa visibilidade às múltiplas combinações interculturais entre os casais, não sugere outras maneiras de viver a sexualidade, se não por meio da heterossexualidade.

A legitimidade atribuída à heterossexualidade foi e é reafirmada diariamente, em parte, graças ao auxílio de mecanismos, dentre eles os filmes, brinquedos e propagandas que garantem e reforçam seu *status* de "normalidade", como investigam Sabat, (2002) e Baliscei e Stein (2016). Sendo assim, é significativa a contribuição dos filmes e demais produtos da Disney para afirmar, reafirmar e confirmar para crianças, desde seu nascimento, a suposta "naturalidade" da heterossexualidade - uma vez que ela é invariante e incontestável em todas as histórias e narrativas até então criadas pela empresa. Como demonstrado por nós na Figura 1, o romance e o envolvimento entre as personagens da Disney, humanas ou não, são indiscutivelmente e exclusivamente vividos por um indivíduo homem/macho e outro mulher/fêmea e, com isso confirmam que "[...] *o final continua sendo o previsível happy end com um casamento heterossexual*". (FERREIRA, 2013, p.90).

Além da heterossexualidade, há uma segunda característica em comum entre aqueles e aquelas que integram a Figura 1: o protagonismo. Branca de Neve e o Príncipe, Aladdin e Jasmine, Tiana e Naveen, Bela e a Fera e as outras personagens desempenham papéis de heroínas e heróis e - talvez por isso mesmo - são insistentemente associadas/os à heterossexualidade.

Sabat (2001) destaca ser imprescindível também prestar atenção às formas como o feio, o abjeto e o estranho são representados, uma vez que constituem o oposto e o desvio das qualidades esperadas dos heróis e heroínas. Por isso questionamo-nos: E quanto aos/às antagonistas da Disney, como são representados/as? Será que também são associados/as à heterossexualidade e

⁴ "[...] *Ja industria cinematográfica se hace eco de ello.*"

⁵ Leão e leoa do filme *O Rei Leão* (1994).

⁶ Cachorro e cachorra do filme *A Dama e o Vagabundo* (1955).

⁷ Espanador e Candelabro do filme *A Bela e a Fera* (1991)

à "norma"? Ao final da história, os/as bruxos/as, monstros/as, magos/as e vilões/ãs também vivem "felizes para sempre"?

O vilão, a bruxa e a heteronormatividade

Ao mesmo tempo em que as imagens da Disney legitimam comportamentos sexuais socialmente adequados - a norma - destacam a necessidade de ajustar e controlar aqueles sujeitos que desviam(-se) do modelo cristalizado. Para isso, de maneira caricaturada e exagerada, associam a imagem e os gestos dos vilões e vilãs às características particulares de indivíduos homossexuais, como investiga Santos (2015). Em análise da animação *Aladdin* (1992), o autor argumenta que o vilão, Jafar, diferente dos outros personagens homens da história, é representado com características socialmente atribuídas às mulheres (Figura 2).

Figura 2: Jafar: Afeminado, elegante e vilão



Fonte: Imagens retiradas da web.

Como pode ser percebido nas imagens, Jafar, com seu corpo delgado, cintura marcada, braços longos, mãos finas, pálpebras coloridas e sobrancelhas arcadas, diferencia-se das caracterizações das demais personagens masculinas. O uso de vestidos, os movimentos graciosos, o gosto por jóias e a vaidade demasiada também são indícios de que sua identidade de gênero é, no mínimo, transgressora. Santos (2015) afirma que já durante a criação do antagonista, ele fora pensado como um homem *gay* como estratégia de realçar seu comportamento elegante e dramático. Na história, nossa conjectura de Jafar não ser heterossexual pode ser reforçada pois ele "[...] é motivado a se engajar em uma relação heterossexual unicamente por conta de sua obsessão por poder, e não por atração por uma mulher" (SANTOS, p. 93). Na história de *Aladdin* (1992), quando o vilão Jafar se envolve com a princesa Jasmine, filha do sultão, está mais interessado nos benefícios e nos poderes que pode alcançar do que nos prazeres sexuais que as relações com uma mulher jovem pode lhe render.

Morin (2011) explica que o exagero nas características das personagens é recorrente nas produções da cultura de massas e cinematográficas. As narrativas oferecidas pelo cinema e pelas imagens televisivas tendem ao maniqueísmo e valorizam as distâncias entre bem e mal. Acentuam os "[...] traços simpáticos e traços antipáticos, afim de aumentar a participação afetiva do espectador, tanto no seu apego pelos heróis como na repulsa pelos maus" (MORIN, 2011, p.46).

No que diz respeito às sexualidades lésbicas, Iglesias e Zamora (2013) evidenciam que, longe de aproximar as mulheres e indicar a possibilidade de troca de carinhos e afetos entre elas, as narrativas e conflitos das animações da Disney posicionam as personagens femininas como rivais, inclusive, quando são irmãs ou, até mesmo mães e filhas. O desconforto e a ameaça que a homossexualidade feminina proporciona aos valores tradicionais por reposicionar a mulher, reconhecendo-a como agente social detentor de poder, podem ser percebidos durante a divulgação do filme *Frozen - Uma Aventura Congelante* (2013). Na história, o fato de o beijo de uma irmã salvar a outra foi motivo de denúncias, reclamações e protestos por parte de religiosos/as que se sentiram ofendidos/as pela representação da Disney, acusando-a de incentivar a lesbianidade.

Outra vilã da Disney, Úrsula, a bruxa do mar da animação *A Pequena Sereia* (1989), também é reconhecida por apresentar ameaças à supremacia da heterossexualidade. Primeiro, por arquitetar planos para separar Ariel e Eric, protagonistas - e é claro, heterossexuais; e segundo, pela performatividade e comportamentos teatrais que nos fazem lembrar um *show* de *drag queen*. Muito diferente de Ariel - a sereia adolescente, popular, de gestos contidos e

corpo magro e branco - Úrsula, uma mulher de meia idade, possui um corpo gordo e roxo, seios fartos e, em sua metade inferior, tentáculos que reforçam a ambigüidade de seu sexo (Figura 3).

Figura 3: Úrsula: Gorda, exagerada e bruxa



Fonte: Imagens retiradas da web.

Em nenhum momento da história, Ariel, seu pai, ou outra personagem, explicam-nos o motivo de Úrsula viver isolada dos/as demais sujeitos marítimos. Ninguém fala com ela, todos/as a temem e a evitam. Úrsula simboliza o abjeto, o não querido, o não desejável. Além dos tentáculos, outros elementos contribuem para assinalar a indeterminação do sexo dessa personagem. A mandíbula quadrada, o nariz fino e pontiagudo, os cabelos curtos e a voz rouca e grave são demarcadores masculinos que, quando

combinados a cílios longos, decote acentuado e uso de jóias e à performatividade, deixam transparecer que a criação da personagem Úrsula foi inspirada em Divine (Figura 4), uma *drag queen* dos anos 80, como explica Santos (2015).

Figura 4: Divine: inspiração para úrsula



Fonte: Imagens retiradas da *web*.

Em ambas as animações mencionadas, a norma e o protagonismo são compostos exclusivamente pela heterossexualidade, e o antagonismo, a maldade e o abjeto, por sua vez, são relacionadas às sexualidades "desviantes". Para nós, quando a Disney constrói personagens protagonistas exclusivamente heterossexuais e associa Jafar, Úrsula e demais antagonistas a outras sexualidades, reforça a "normalidade" da heterossexualidade e ao

mesmo tempo incentiva olhares de estranhamento aos/às *gays*, lésbicas e *drag queens*, como se, assim como os vilões e vilãs, fossem maus/más, desviantes e perversos/as.

Seffner (2015) destaca a existência de uma norma que, mesmo não escrita, atua poderosamente conduzindo as pessoas a valorizarem somente os corpos, desejos e práticas heterossexuais, a heteronormatividade.

A existência de indivíduos que não seguem, ou não se identificam com essa preferência sexual e de gênero, tem servido historicamente apenas para reafirmar a norma, uma vez que esses indivíduos foram em geral descritos como perversos, pecadores, doentes mentais, doentes físicos, desajustados, perturbados, quando não criminosos, desordeiros etc. (SEFFNER, 2015, p. 202).

Pelo seu caráter heteronormativo, as imagens, animações e produtos da Disney atuam como coadjuvantes na invisibilidade de *gays*, lésbicas e demais indivíduos não heterossexuais e, em casos mais extremos, fomentam discursos e ações homofóbicas, tendo em vista os papéis e espaços que reservam para esses grupos minoritários. Diferente dos príncipes e princesas heterossexuais, Jafar e Úrsula não tiveram um "final feliz" marcado pela união romântica e muito menos por uma celebração de casamento. Com sua ambição, delicadeza e dramaticidade, Jarfar foi condenado a viver dentro de uma lâmpada mágica até que alguém o liberte, enquanto que Úrsula, determinada a ser coroada a rainha do mar, em luta com o Príncipe Eric, morre quando é perfurada pelo mastro de um barco.

Considerações finais: Para que indivíduos não heterossexuais não vivam "infelizes para sempre"

Para que *gays*, lésbicas e outros indivíduos não heterossexuais não vivam "infelizes para sempre" se faz necessário que tenham visibilidade e que não sejam sempre e unicamente associados ao antagonismo, ao desvio e a anormalidade, assim como tem feito a Disney ao longo de sua história de produção e consumo visual.

O artista mexicano José Rodolfo Loaiza Ontiveros, por exemplo, nos auxilia a provocar questionamentos sobre os casais da Disney e sobre os modos como a heterossexualidade lacra e tranca os discursos sobre romances, amor, união, casamento e sexualidade, impossibilitando leituras e brechas de vivências sexuais diferentes daquela apontada como "norma". A Figura 5 reúne

algumas das composições em que o artista desestabiliza a heteronormatividade, combinando personagens de diferentes histórias da Disney em beijos homossexuais. Com naturalidade semelhante àquela com que casais heterossexuais são apresentados às crianças, nas imagens de Ontiveros, Jafar, Úrsula, Ariel, Branca de Neve e outras personagens trocam beijos com indivíduos do mesmo gênero, sem que sejam apontados como "desviantes".

Figura 5: "E todos/as viveram felizes para sempre"



Fonte: Imagens retiradas da web.

Mais inclusiva do que o imaginário da Disney no que diz respeito à homossexualidade, as cenas elaboradas por Ontiveros tratam com normalidade a união e a troca de carinho entre dois homens ou duas mulheres, sejam eles/as príncipes/princesas ou vilões/ãs, e permite que, assim como os relacionamentos heterossexuais, estes também possam ser associados à felicidade, ao romance e ao casamento.

Diferente disso, nas imagens originais da Disney, Jafar e Úrsula e outros/as vilões/vilãs que parecem ser representados/as como homossexuais prestam manutenção à heteronormatividade e a homofobia e contribuem para que, desde cedo, meninos e meninas alimentem ódio, repúdio e intolerância àqueles/as que sentem e manifestam uma sexualidade diferente da heterossexual. Esperamos da Disney, como empresa de entretenimento que dissemina representações e referências, a partir das quais crianças constroem suas personalidades e preconceitos, a ampliação e a valorização das várias maneiras de viver o amor e a sexualidade. Para além da criação de casais de diferentes etnias e raças - o que já demonstra um avanço da empresa estadunidense- é necessário dar visibilidade e protagonismo a casais constituídos por duas mulheres, por dois homens e/ou por outras combinações para além daquelas heterossexuais.

Gays e lésbicas podem ser "felizes para sempre"? Para que esse questionamento seja transformado em uma afirmação assertiva e para que os temas abordados por José Rodolfo Loaiza Ontiveros sejam refletidos em cenas cotidianas e em demais produtos infantis, a hegemonia heteronormativa e a homofobia precisam ser combatidas e as imagens de gays e lésbicas precisam ser desvinculadas de personagens estereotipadas que representam o desvio, o grotesco e o mal.

Referências

BALISCEI, João Paulo; MAIO, Eliane Rose; CALSA, Geiva Carolina. Um ovo azul e outro rosa: Pedagogia Kinder e a construção visual dos gêneros e das infâncias. **Revista Visualidades**, Samambaia, v.14, n. 1, p.284-315, jan./jun., 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/36655/21584>>. Acesso em 01 de set. de 2016.

BALISCEI, João Paulo; STEIN, Vinícius. É difícil ser homem: A (des)construção visual da Masculinidade Hegemônica no filme Bruno. **Revista Publicatio**, Ponta Grossa, v.24, n. 1, p. 63-74, jan./abr. 2016. Disponível em <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/sociais/article/view/8256>>. Acesso em 15 de ago. de 2016.

BALISCEI, João Paulo; TERUYA, Teresa Kazuko. Imagens como Pedagogias Culturais: Considerações sobre construtores/as e intérpretes visuais. **Revista Sessões do Imaginário**, Porto Alegre, v. 20, n. 33, p.27-34, jul./dez. 2015. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/famecos/article/view/19659>>. Acesso em 10 de jan. de 2016.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Cultura Visual e Infância. In: **31ª reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação -ANPED**, 2008, Caxambu. Constituição Brasileira, Direitos Humanos e Educação. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisadores em Educação, 2008, p. 102-132. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/faced/pesquisa/gein/artigos/Cultura%20visual%20e%20infancia.pdf>>. Acesso em 10 de jan. de 2016.

DUNCUN, Paul. Por que a arte-educação precisa mudar e o que podemos fazer. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.). **Educação da Cultura Visual: Conceitos e contextos**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011, p. 15-30.

FERREIRA, Suyan. "Quando mamãe e papai se apaixonaram": representações familiares em livros literários contemporâneos. In: FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar; BECK, Dinah Quesada. (orgs.). **Infâncias, gênero e sexualidade nas tramas da cultura e da educação**. Canoas: Ed. ULBRA, 2013, p. 89-108.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. - São Paulo: Atlas, 2002.

GIROUX, Henry. A dysneização da cultura infantil. In: Silva, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antônio Flávio (Orgs.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 41-81.

HERNÁNDEZ, Fernando. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.). **Educação da Cultura Visual: Conceitos e contextos**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011, p. 31-50.

IGLESIAS, Matías López; ZAMORA, Marta de Miguel. La fêmeina Disney: análise y evolución del personaje feminino em quatro películas de la factoría Disney. **Revista Sociedad y Economía**, Cali, n.24, p.121-142, ene./jun. 2013. Disponível em <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=99629534006>>. Acesso em 11 de abr. de 2016.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. - Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.7-34.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX: espírito do tempo 1: neurose**. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. – 10 ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

NUNES, Luciana Borre. **As Imagens que Invadem as Salas de Aula: Reflexões sobre Cultura Visual**. 1. ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2010.

SCHOR, Juliet B. **Nascidos para comprar: uma leitura essencial para orientarmos nossas crianças na era do consumismo**. Tradução de Eloisa Helena de Souza Cabral. São Paulo: Editora Gente, 2009.

SABAT, Ruth. Infância e gênero: o que se aprende nos filmes infantis?. In: **24a Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED**, 2001a, Caxambu. 2001. p. 1-15. Disponível em <<http://24reuniao.anped.org.br/tp.htm>>. Acesso em 10 de jan. de 2016.

SABAT, Ruth. Filmes Infantis como máquinas de ensinar. In: **25a Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED**, 2002, Caxambu (MG). 2002. p. 235-252. Disponível em <http://twiki.ufba.br/twiki/pub/GEC/TrabalhoAno2002/filmes_infantis_como_maquinas.pdf>. Acesso em 10 de jan. de 2016.

SANTOS, Caynã de Camargo. **O vilão desviante: Ideologia e Heteronormatividade em filmes de animação longa-metragem dos estúdios Disney**. Dissertação (Mestrado) – Pós-graduação em Estudos Culturais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SEFFNER, Fernando. A produção da diversidade e da diferença no campo do gênero e da sexualidade: enfrentamentos ao regime da heteronormatividade. In: KIRCHOF, Edgar Roberto; WORTMANN, Maria Lúcia; COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Estudos Culturais e educação: contingências, articulações, aventuras, dispersões**. Canoas: Ed. ULBRA, 2015a, p. 193-210.

STEINBERG, Shirley. A mimada que tem tudo. In: **Cultura infantil: a construção corporativa da infância**. Shirley R. Steinberg, Joe L. Kincheloe (Orgs.). Tradução de George Eduardo Japiassú Bricio. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 321-338.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**/ Tomaz Tadeu da Silva (org.). – 12º ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 7-72.